

“Não encosta em Deus”: Porta dos Fundos e religião

LUCELMO LACERDA *

Resumo: A relação entre humor e religião é, desde há muito, polêmica e conturbada, e desde os atentados ao Charlie Hebdo, está sob forte pressão. No Brasil, no centro desta polêmica está a produção do canal de vídeos de humor Porta dos Fundos, que desperta fortes reações públicas e processos judiciais sob a alegação de desrespeito às religiões. Este artigo objetiva analisar a relevância e abordagem do canal do tema da religião. Sendo a pesquisa sobre canais do youtube uma novidade, este trabalho constitui uma experiência exploratória. Utilizamos as metodologias quantitativa, para analisar o peso do tema religioso e sua relação com o conjunto dos roteiristas e com o conjunto de vídeos do canal, e a metodologia qualitativa, promovendo uma análise do discurso sobre o fenômeno religioso realizado pelo Porta dos Fundos. Utilizamos um referencial teórico sociológico fundamentado em Weber para compreender o discurso do canal, bem como a teoria do humorismo de Pirandello para refletir sobre a forma em que o discurso é orquestrado.

Palavras-chave: Religião; Humor; Liberdade de expressão; Cultura.

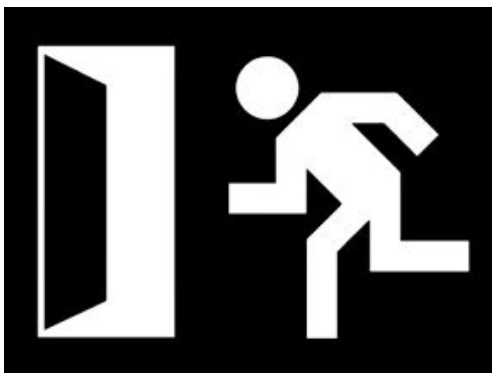
"Do not touch God": Porta dos Fundos and religion

Abstract: The relationship between humor and religion has long been controversial and troubled, and since the attacks to Charlie Hebdo, is under severe pressure. In Brazil, in the center of this controversy is the production of videos of humor Porta dos Fundos, which arouses strong public reactions and lawsuits alleging disregard for religion. This article aims to analyze the relevance of the approach of the channel and the theme of religion. Being the research on youtube channels a novelty, this work constitutes an exploratory experience. We use quantitative methodologies to examine the importance of the religious theme and its relation with the set of writers and with the set of videos of the channel, and the qualitative methodology, promoting a discourse analysis on the religious phenomenon held by the Porta dos Fundos. We use a theoretical framework based on sociological Weber to understand the speech of the canal, as well as the theory of humorism of Pirandello to reflect on the way in which the speech is orchestrated.

Key words: Religion; Humor; Freedom of expression; Culture.



* LUCELMO LACERDA é Doutor em Educação pela PUC-SP e pós-doutorando pela UFSCar.



Introdução

O mundo em que vivemos é profundamente marcado pelos processos de produção e distribuição de informações audiovisuais que, nos últimos anos, viveram um processo de “convergência midiática”, em que estes produtos passam a ser distribuídos em uma miríade de suportes como TV, celular, relógios, entre outros, advindos da TV aberta, a cabo e inúmeros sites da internet, pulverizando também as fontes informacionais. Noutra ponta, as várias linguagens midiáticas sofrem um processo de convergência, de modo que as linguagens do cinema, séries, novelas e outros dialogam de modo intenso (JENKINS, 2006).

Contudo, a literatura ainda não se debruçou detidamente sobre os processos de produção e difusão de conteúdos midiáticos na internet. Trata-se de uma realidade totalmente distinta daquela conhecida no passado. Hoje, youtubers, donos de canais paupérrimos, em termos de estrutura, podem se tornar astros pop. Neste quesito, poderíamos citar Whindersson Nunes (mais de 20 milhões de inscritos) e Kéfera (mais de 9 milhões de inscritos).

O Porta dos Fundos foi o grande destaque dos últimos anos no cenário do humor e da cultura midiática no Brasil. Os fundadores do canal se apresentam como “[...] um coletivo de humor criado por cinco amigos que, insatisfeitos com a

falta de liberdade criativa da TV brasileira, decidiram montar um canal de esquetes de humor no YouTube [...]” (PORTA DOS FUNDOS, 2016). O canal possui um forte apelo político e reiteradamente aborda o tema da religião. Devido a esta ênfase, gerou imensa polêmica no país, ensejando inclusive processos judiciais por ofensa à religião, levado a cabo pelo deputado Marcos Feliciano, do Partido Social Cristão, pastor da Igreja Evangélica Assembleia de Deus e membro de mais relevo da Frente Parlamentar Evangélica no Congresso Nacional e pelo pastor Silas Malafaia, também da Assembleia de Deus e um dos mais influentes líderes evangélicos do Brasil.

A relação conflituosa entre humor e religião não é nova, como pode atestar o Monty Phyton, grupo inglês que realizou vários trabalhos tangenciando o tema da religião, e também o Charlie Hebdo, jornal francês que tem as religiões como pauta usual, o que motivou inclusive um ataque terrorista ao jornal com diversos mortos, acendendo ainda mais a confrontação nesta fronteira (MUNIZ, 2015).

É para explorar esta polêmica no cenário brasileiro que elaboramos o seguinte problema “Qual o peso e a abordagem do canal Porta dos Fundos sobre a/as religião/religiões?” e elaboramos uma metodologia para perseguir uma resposta à questão posta. O título do artigo é extraído do vídeo *Deus*, do Porta dos Fundos em que o personagem “Deus polinésio” se opõe verbalmente ao ato de uma alma que chegou ao céu e tenta tocá-lo, “não encosta em Deus” ele diz. O título brinca com a ambiguidade, remetendo à discussão acerca da legitimidade do humor de “tocar” no objeto de devoção das pessoas e a temática religiosa.

Materiais e métodos

Existem muitos trabalhos discutindo a relação entre religião e mídia, de modo geral, tendo como objeto especialmente o cinema e TV. Contudo, examinar a presença desta discussão na internet, em um canal de humor, é um tema sensível, devido à exiguidade de trabalhos de igual natureza, por ser um fenômeno recente e impor certos desafios metodológicos como o mecanismo de escolha do canal, dos vídeos a serem analisados, entre outros. Este artigo constitui, portanto, um estudo exploratório, uma aproximação com a temática e utilizou-se uma metodologia mista para o desenvolvimento da argumentação. Trata-se, portanto, de um experimento exploratório de aproximação com o tema proposto.

Primeiramente assistimos a todos os vídeos do canal, baixando e arquivando para fim de controle e análise, aqueles que tangenciavam temáticas religiosas. Não nos limitamos àqueles conteúdos que tocam em religiões organizadas, mas todos os que trabalham com qualquer referência sobrenatural, isto é, quando realizamos esta observação, a questão central não é a abordagem das instituições religiosas, mas do fenômeno religioso como um todo, que por vezes faz referência direta às denominações religiosas, e por vezes relaciona-se como o que podemos chamar de *Teologia do Cotidiano* que é uma teologia que “permeia o cotidiano e é encontrável nos meandros da vida ordinária. A teologia do cotidiano é a articulação da religiosidade do sujeito ordinário normais distintos planos de expressão. Trata-se daquilo que as pessoas em sua vida diária creem e expressam” (REBLIN, 2008, p. 93).

A primeira metodologia utilizada é quantitativa, em que contabilizamos os vídeos sobre religião e comparamos com

o total de vídeos do canal. Também contabilizamos os roteiristas dos vídeos selecionados, conhecendo quais dos escritores se interessam mais pelo tema e pela diversidade interna do grande leque da temática religiosa. Para a medição da relação dos roteiristas com o assunto, realizamos uma análise por amostragem do conjunto de vídeos do canal e a média de produção de cada roteirista, comparando com a produtividade no temário sacro. Ainda na instância quantitativa, discernimos e contabilizamos os vídeos por qual abordagem é realizada. Ao invés de estabelecermos *a priori* quais eram as possibilidades de categorias, optamos por fazê-lo após a análise do conteúdo dos vídeos, dividindo, portanto, em categorias que se relacionassem diretamente com seu conteúdo.

Após a análise quantitativa, passamos para a análise qualitativa. Tendo em vista que, até 07/10/2016, data limite de observação desta pesquisa (o canal continua em atividade publicando novos vídeos, presumivelmente também sobre religião), foram publicados o total de 600 vídeos, sendo 63 sobre religião, e a grande quantidade de material tornou impossível, para um artigo, a análise de todo o conteúdo relacionado ao tema. Nos foi exigido, portanto, um método de escolha. Optamos pela análise de um vídeo, decompondo-o em seus elementos formais e materiais e reconhecendo temas e abordagens, relacionando-os, não obstante, com excertos de outros vídeos, o que possibilita a visão de alguma multiplicidade.

Qualquer método para a escolha do vídeo seria arbitrária. Formulamos algumas possibilidades, tais como analisar um trabalho do roteirista mais produtivo, acentuando a ênfase quantitativa do discurso, ou mais recente, acentuando a atualidade discursiva, um vídeo da

categoria mais relevante, acentuando a intencionalidade ou, por fim, escolher o vídeo mais assistido, acentuando o impacto das produções. Muitas possibilidades. Optamos por um formato em que diversos desses critérios foram simultaneamente contemplados, pois o vídeo mais assistido, *10 mandamentos*, também pertence à categoria mais explorada, a bíblica, e foi escrito pelo roteirista mais produtivo, Fábio Porchat. O atendimento aos três critérios elencados se deu, contudo, em detrimento do critério de atualidade.

Após a observação do canal e definição do vídeo que seria o objeto de nossa atenção, analisamos o conteúdo do discurso enunciado a partir da teoria sociológica de Weber, mediatizado pelos desafios contemporâneos de compreensão do fenômeno religioso e decompomos os recursos de humor do canal utilizando a compreensão de Pirandello (1996).

Resultados e discussão

Este trabalho se detém sobre o canal de humor Porta dos Fundos, na plataforma Youtube.com, atualmente o segundo maior canal do Brasil, com 12.665.493 inscritos e 2.805.650.066¹ visualizações, só perdendo em número de inscritos para Whinderson Nunnes e em visualizações para o canal da Galinha Pintadinha. Em uma convergência entre os dois critérios podemos então considera-lo o canal mais relevante do país. No princípio, o canal publicava programas com diversas esquetes, posteriormente, passou a dividir as esquetes em publicações distintas. O canal publicava

primeiramente vídeos às segundas e às quintas e depois incorporou nova publicação aos sábados.

Além das esquetes separadas, o canal também produziu três séries, *Viral* e *Refém* para a internet e *O Grande Gonzalez* para o canal de TV a cabo Fox. Em 2014, as esquetes também passaram a ser reproduzidas na Fox, mas sempre depois de sua publicação no canal da internet. O grupo também lançou, em 2016, um filme, *Contrato Vitalício*. Além de todos esses formatos, o Porta dos Fundos também criou um especial anual de natal, que toca sempre no tema da religião e também será objeto de nossa análise.

Além do canal principal, o grupo mantém associados, o *fundosdaporta*², em que são publicados os *making offs* dos programas, o canal *Portaria*³, já não mais alimentado, em que semanalmente os artistas liam e discutiam os comentários dos vídeos, o canal *Backdoor*⁴, com os vídeos com legenda em inglês e o canal *Porta Afora*⁵, com entrevistas de Fabio Porchat. Há ainda os canais *Kibe Loco*⁶ e *Anões em Chamas*⁷, que eram dos integrantes que compõem o Porta dos Fundos antes de sua criação, mas que também não são mais alimentados.

Entre 06 de dezembro de 2012, quando foi publicado o primeiro vídeo do canal, e 07 de outubro de 2016, foram um total de 600 vídeos, incluindo programas, especiais, esquetes e episódios de séries. Dentre estes, foram 63 vídeos que tocam no universo religioso. Observando o conteúdo destes vídeos, elaboramos as seguintes categorias:

¹ Número aferido em 15/10/2016, às 18h;

² <https://www.youtube.com/user/fundosdaporta>

³ <https://www.youtube.com/user/canalportaria>

⁴ <https://www.youtube.com/user/TheBackdoorchannel>

⁵

<https://www.youtube.com/channel/UCdgCNb87T4I-303KHF6FBhw>

⁶ <https://www.youtube.com/user/antoniotabet>

⁷

<https://www.youtube.com/user/canalanoesemchamas>

Tabela 01 – Temática dos vídeos

elementos cristãos, sem que isso esteja diretamente ligado à prática institucional, aproximando-se daquela enunciada noção de Teologia do Cotidiano (REMBLIN, 2008).

120

Atendendo a pedidos 08/09/2014	Jesus aparece para atender pedidos de uma personagem mulher, mas se recusa a fazer coisas que não considera de sua alçada (ajudar o Botafogo, emagrecimento, fazer alguém gostar de outra pessoa, etc..)
Foi Deus que me deu 27/02/2014	Deus reclamando de que tinha dado um carro a um fiel e agora ele punha a venda o presente
Oh Meu Deus 19/08/2013	As pessoas acreditam ver a imagem de cristo em uma vagina em um consultório ginecológico
Esquete sem nome no Porta dos Fundos nº 2 03/10/2012	Um lutador se congratula de ter Jesus sempre com ele e o vídeo o mostra de forma literal, uma espécie de diálogo ao vídeo <i>Agradecimento</i>

Tabela 02 – Vídeos sobre hábitos religiosos

É importante, para além de classificar os vídeos religiosos do canal em distintas categorias, avaliar o processo produtivo

destes vídeos. O elemento mais fundamental observado é a produção dos roteiros, como segue:

Roteirista

Produção

Fábio Porchat, proprietário	33 roteiros, 24 só e 9 em parceria
Gabriel Esteves, roteirista	16 roteiros, 12 só e 4 em parceria
Gregório Duvivier, proprietário	12 roteiros, 06 só e 06 em parceria
Antonio Tabet, proprietário	9 roteiros, 2 só e 7 em parcerias
Afonso Padilha, roteirista	3 roteiros, 01 só 02 em parceria
João Vicente de Castro, proprietário	02 roteiros, sempre só
Ian SBF, diretor	4 roteiros em parceria
Totoro, ator do canal	01 roteiro em parceria
Rondon Neto, sem vínculo com o canal	01 roteiro só

Tabela 03 – Produção de roteiros

Uma observação relevante é que os especiais de Natal foram contabilizados, tanto na quantificação geral quanto dos roteiristas, como 01 peça, ainda que contenham diversas esquetes em seu interior.

Em uma primeira aproximação à análise quantitativa, é preciso dizer que remete diretamente à esfera qualitativa, que ambas as noções se comunicam de modo orgânico, de modo que se pode afirmar

que “a mudança das coisas não pode ser indefinidamente quantitativa, transformando-se, em determinado momento sofrem mudança qualitativa. A quantidade transforma-se em qualidade” (LAKATOS e MARCONI, 2010, p. 104).

Nesta toada, em primeiro lugar, considerando que o total de vídeos do canal é 600 e os vídeos sobre religião somam 63 peças, tem-se um total de

aproximadamente 10% da produção do canal. Não se pode falar em tema prioritário ou algo semelhante. O que a contabilidade indica é que o tema é persistente. Nos quatro programas iniciais do canal, por exemplo, há sempre um esquete abordando o tema religioso, quais sejam o *Pornô evangélico*, um segundo sem nome em que um lutador diz que Jesus está sempre com ele e há esta encenação literal, o terceiro chama-se *Eloé*, e o quarto é também sem nome, mas aborda, de maneira literal, a prática de prometer devolver a pessoa amada em três dias, usualmente associada às práticas de pessoas ligadas às religiões afro-brasileiras. A religião é, portanto, um tema permanente na pauta do canal, mas nunca um assunto em primeiro plano. Note-se também que as três séries e o filme do Porta dos Fundos não tocam no tema religioso.

Quanto aos roteiristas, Fábio Porchat se destaca com 33 roteiros (52% do total), mais do que o dobro do segundo colocado, Gabriel Esteves, com 16 (25%) ou de Duvivier, 12 (19%), ou Tabet, com 09 (14%). Outros possuem um número insignificante de escritos. O que devemos aqui é saber se o tema é um motivo especial para algum dos roteiristas ou trata-se de um assunto a mais. Para isso, precisamos comparar com a produção usual do canal. Considerando que a quantidade total de vídeos é muito grande para quantificarmos, optamos por uma amostragem. Segundo Arkin e Colton (1995) para uma amostragem de um número menor do que 1.000 (600), precisamos da avaliação de 83 peças, alcançando uma boa avaliação, com margem de erro de apenas 10% sobre o produto final. Para haver um critério isento de seleção dos 83 vídeos, optamos pelos mais recentes, posto que não houve indicação de diferenças na atribuição de roteiro no decorrer do tempo. Assim, excluídos os próprios vídeos sobre

religião, quantificamos os roteiristas dos 83 últimos vídeos postados pelo canal. Ficamos com o seguinte resultado:

Esta quantificação explícita um primeiro motivo fundamental no toque reiterado no tema da religião pelo canal Porta dos Fundos, que é a ênfase do roteirista Fábio Porchat no assunto. Enquanto o ator/escritor escreve somente 29% dos roteiros do canal em outros temas, quando se trata de religião sua contribuição é de 52%, uma elevação bastante significativa. Porchat já se manifestou em programa de televisão, afirmando seu ateísmo (PORCHAT, 2016) e considera que a maior parte das guerras e genocídios são causadas pelas religiões (PORCHAT, 2014).

Gregório Duvivier é responsável por 25% dos vídeos do canal e Gabriel Esteves por 20%, no que diz respeito aos roteiros com o tema de religião, Duvivier escreveu 19% deles e Esteves com 25%. Isto indica que estes autores mantêm um mesmo ritmo de produção na extensão para o tema religioso. A produção geral de ambos é somente um pouco menor na temática religiosa, o que pode ser explicado talvez pela margem de erro de 10% de nossa amostragem geral ou ainda pelo fato de que a forte presença de Porchat na escrituração de roteiros com temática religiosa comprime o percentual dos demais escritores, considerando que estamos tratando de proporcionalidade e não de números totais. Antonio Tabet variou para cima, de 11% no tema geral para 14% dos vídeos tratando de religião. Provavelmente esta pequena oscilação é responsabilidade da margem de erro, mas pode também indicar uma leve propensão do autor ao tema.

Uma última abordagem quantitativa se dá em torno das categorias enunciadas. Em primeiro lugar está a categoria bíblica, esta temática, no interior do universo religioso, possui uma espécie de

força centrípeta, pois diz respeito aos cristãos de todos os matizes e ainda os judeus e muçulmanos (os que se referem ao Antigo Testamento). A segunda categoria é sobre evangélicos, a terceira sobre hábitos religiosos e a quarta sobre os católicos. Neste ponto temos uma relevante reflexão a fazer. No censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE em 2010 os católicos somavam 64,6% e os evangélicos 22,2% do total de brasileiros. Considerando que os católicos existem em números tão mais expressivos do que os evangélicos e mesmo assim estes são tema mais atento dos vídeos do Porta dos Fundos em relação àqueles, um primeiro olhar poderia indicar uma preferência gratuita (persecutória?) aos evangélicos. Contudo, a dinâmica da realidade sugere outras explicações.

Em primeiro lugar é preciso levar em conta que os católicos estão em franco recuo e passaram de 89,2% em 1980, 83,3% em 1991, 73,8% em 2000 e 64,6% em 2010, sendo a primeira vez em que não somente apresentam um percentual menor de fiéis, mas também um número bruto menor (CAMURÇA, 2013, p. 71). Os evangélicos, por sua vez, avançaram de 6,6% em 1980 para os números atuais. Estes números expressam um certo tipo mais agressivo de existência social. O dinamismo demográfico do evangelismo é tributário de uma força proselitista que tende a atingir mais fortemente os sujeitos e se tornam também mais tendentes à exposição e discussão pública, os evangélicos são o “fato novo” do pluralismo religioso (MARIZ e GRACINO JR., 2013, p. 161). Um dos exemplos mais sintomáticos desta exposição é a criação da Frente Parlamentar Evangélica, instituição sem par na esfera católica, e que mobiliza deputados federais, eleitos quase sempre com uma estrutura fundamentada na rede

de fiéis das igrejas, para uma pauta alinhada aos valores e interesses das igrejas evangélicas (TREVISAN, 2013).

Não obstante, há um segundo motivo para os católicos serem uma categoria menos relevante que os evangélicos. Isto porque é preciso fazer uma distinção um tanto sutil entre catolicismo *lato sensu* e Igreja Católica. Enquanto os evangélicos possuem forte vínculo institucional (embora em queda), o catolicismo ocorre mais fora da Igreja Católica do que seu interior. E estas práticas, que remetem ao catolicismo, mas possuem também um caráter popular e não fazem referência explícita à instituição, quando abordadas nos vídeos do Porta dos Fundos, foram alocadas na categoria de hábitos religiosos. Estes casos podem ser observados em *Acerto de contas*, em que Deus acusa o personagem Afonso de ter se esquecido dele, mas lembra que o autor rezava Ave-Maria e que ele “come hóstia”, fez primeira comunhão e crismou, todas práticas exclusivamente católicas, em *Oh Meu Deus*, as pessoas acreditam que há a imagem de Jesus em um exame ginecológico, essas “aparições” de imagens de Cristo são corriqueiras no catolicismo popular, mas usualmente rechaçadas pela Igreja Católica, além disso, a música cantada, *Benção do Senhor*, é da banda católica *Amigos de Jesus*. Em *Santo Antonio e São longuinho*, a própria referência a santos remete ao universo de crenças de matiz católico, pois o evangelismo recusa a existência desta categoria de seres.

Em um olhar mais amplo, este conjunto apresentado representa o mosaico religioso brasileiro, que pode ser pensado, como propõe Schultz (2008), como uma nebulosa, formada pelo encontro entre diversos distintos matizes religiosos:

Compõe o imaginário religioso o catolicismo, o protestantismo, a

umbanda, o candomblé e o espiritismo enquanto religiões com seus ritos, suas crenças, práticas e vivências. Mas também compõe o imaginário aquilo que as religiões produzem na vida dos fiéis, como curas, bênçãos, ensino. Finalmente, também compõe o imaginário uma certa nebulosa religiosa que, transcendendo as religiões, carrega a cultura de valores, princípios e crenças, agenciando não apenas a fé das pessoas, mas também condicionando a ideologia, a cultura, a arte e a política do país. Suas referências principais são as significações oriundas do catolicismo, das religiões afro-brasileiras e do espiritismo – além das significações indígenas naquilo que elas têm de influência sobre umbanda, espiritismo e candomblé. Forjada num intrincado e lento processo histórico, essa nebulosa paira sobre o país e não cessa de se repetir, atualizar e ressignificar seus valores e princípios (SCHULTZ, 2008, p. 60).

O trabalho do Porta dos Fundos vira exatamente esta nebulosa, que se apresenta tal como é aqui proposto, como um mundo encantado por uma imensa diversidade de divindades e forças sobrenaturais, aos quais o canal opõe uma crítica ácida e desencantadora, que pretendemos apresentar em nosso olhar sobre o conteúdo material criado pelo canal

Análise qualitativa

Dentre os vídeos que tratam de religião, na data base de nossa pesquisa, o mais assistido, com mais de 16 milhões de visualizações, era *10 mandamentos*, de roteiro de Fábio Porchat. Para a análise do esquete, seguimos um roteiro esquemático fazendo uma análise formal e uma análise material e dialogando seu conteúdo com o pensamento de Pirandello. Não obstante, nos limitamos

a este vídeo, assistimos a todos os demais e por vezes recorremos a trechos de outros esquetes para ilustrar algum argumento.

O primeiro passo é o da análise formal. Trata-se de um esquete de cerca de 4 minutos (grande para a média do canal), com 4 personagens principais e um pequeno conjunto de figurantes. A ação se passa em um cenário somente com areia, simulando o deserto que os judeus percorreram após a fuga do Egito (segundo o relato do Antigo Testamento). Os atores estão vestidos conforme tradicionalmente se representa os judeus dos tempos bíblicos, mas com trajes de fabricação recente e industrial, dando um ar *fake* à ação. Na mesma toada, pode se compreender as barbas postiças e perucas, mal colocadas e possivelmente de baixa qualidade, deixando visível que não são reais. Os diálogos também são inverossímeis em relação à época, o modo de falar é atual e há referências contemporâneas. Este afastamento da verossimilhança é um recurso usual do humor e uma constante nos vídeos bíblicos do canal e anunciam que a própria confusão entre tema (em seu tempo), estética e léxico é um fator em si de contradição e é aproveitada como elemento de humor, já que o humorismo, como defende Pirandello (1996), necessita da interrupção, contradição, e que a discussão apresentada diz respeito ao presente e não ao passado.

Na análise material podemos observar o personagem Moisés chegando correndo do deserto, quando outros três personagens estão brincando de desenhar na areia e descobrir seu significado. Moisés, o personagem central, é mostrado apresentando os 10 mandamentos para os demais enquanto é continuamente criticado. No diálogo, além de questionar a origem dos

mandamentos, os arguidores também relacionam as proibições aos interesses pessoais de Moisés. Nomeamos os personagens como Moisés, arguidores 1, 2 e 3, por ordem de disposição da esquerda para a direita, como A1, A2 e A3 respectivamente.

Há dois temas que podem ser encontrados neste esquete e que são uma constante nos vídeos sobre religião do canal, quais sejam, uma forte crítica ao encantamento do mundo e ao poder das instituições religiosas.

O vídeo começa com o seguinte diálogo:

MOISÉS: Povo Hebreu!

A2: Opa!

A3: E aí Moisés!

MOISÉS: Trago notícia do, do, Senhor Deus. São mandamentos do que vocês vão ter que seguir à risca a partir de agora, tá, senão vão queimar no inferno. Posso começar?

A3: Pera aí, Pera aí! Deus escreveu isso aí?

MOISÉS: Foi, foi sim Zaqueu.

A3: Na pedra?

MOISÉS: Isso, que era o que ele tinha mais lá, lá, à mão.

A3: Aonde?

MOISÉS: Lá em cima do monte lá

A3: Do monte, Deus apareceu lá em cima do monte

A3: Que monte?

MOISÉS: Veio falar comigo

A2: Cê tava no monte?

MOISÉS: Tava

A2: Nunca vi no monte, de repente tava no monte falando com Deus

MOISÉS: Fui falar com Deus

A3: Tava só você e Deus lá só, mais ninguém.

MOISÉS: A gente marcou no monte.

A3: O monte tá sempre cheio, cê tava ...

MOISÉS: É, mas era de manhã cedo, cê não tava nem acordado essa hora

Neste caso, há todo um ceticismo dos interlocutores de Moisés sobre ele ter falado com Deus como uma coisa literal. Mais à frente, Moisés expressa o pecado de levantar falso testemunho e o A1 diz “falou o cara que [com gestos, insinua aspas] falou com Deus”. Este tema está presente em quase todos os vídeos religiosos, seja em sátira da visão de Jesus como um mágico, como em um esquete em que uma pessoa diz, “sai um frango a passarinho aqui na mesa 3” (vídeo *Milagre*) ou pedem para ele fazer vinho e depois vão fazendo exigências “Que que cê tem mais antes de Cristo, hein? De repente um 2 a.C. 3 acezinho” (vídeo *Transformação*).

As religiões antigas eram plenas de magia, a ideia de forças sobrenaturais controlando o universo a bel prazer era o pilar central da visão de mundo religiosa. A tradição judaica ganhou um movimento dos profetas pré-exílicos, que passaram a criticar essa magnificação do mundo, iniciando um processo de eticização da religião. Este desencantamento do mundo é, pois, um fenômeno interno da tradição judaico-cristã e não uma crítica demolidora de seus opositores. Os processos de modernização do século XIX maximizaram este processo em um diálogo com a secularização dos aparelhos estatais e a disseminação do paradigma racionalista (NEGRÃO, 2005).

Weber estudou este processo com cuidado, afirmando:

O intelectual, por caminhos cuja casuística chega ao infinito, procura dar a seu modo de viver um ‘sentido’ coerente, portanto, uma ‘unidade’ consigo mesmo, com os homens, com o cosmos. Para ele, a concepção do ‘mundo’ é um problema de ‘sentido’. Quanto mais o intelectualismo repele a crença na magia, e com isso os processos do mundo ficam ‘desencantados’, perdem seu sentido mágico e doravante apenas ‘são’ e ‘acontecem’ mas não ‘significam’ mais nada, tanto mais urgente resulta a exigência, em relação ao mundo e à ‘conduta de vida’ como um todo, de que sejam postos em uma ordem significativa e plena de sentido’ (WEBER, 1991, p. 344)

Nesta perspectiva é que o autor compreendeu o desencantamento do mundo, como a recusa dos aspectos mágicos da religião, mas não a descartando e sim a associando a critérios éticos fundamentados na noção de certo e errado. Isto quer dizer, a religião como promotora de uma ética “correta” ao invés de uma religião para a obediência a caprichos divinos. Contudo, nos últimos anos, muito se tem dito sobre o reencantamento do mundo, observado na ascensão de expressões religiosas em que o milagre e as práticas religiosas de intervenção divina direta e “visível”, como a Renovação Carismática Católica e os movimentos Pentecostal e Neopentecostal (NEGRÃO, 2005). Neste sentido, pode-se dizer que a abordagem do mundo encantado expressa uma atualidade do canal frente ao contexto nacional. Podemos dizer que os vídeos do Porta dos Fundos não são “só uma piada”, mas um posicionamento político sobre o contexto em que vivemos.

Mas de que forma o encantamento do mundo é questionado? A situação é sempre levada a um limite, um extremo, seja narrando um fato bíblico, seja em

uma situação contemporânea. Quando hoje pessoas dizem que receberam novos mandamentos bíblicos ou que são Jesus reencarnado (e acredite, muitos o fazem), em geral não são levadas a sério. O canal aproxima, por inverossimilhança, a narrativa bíblica para expô-las às mesmas críticas e ceticismo que estes casos sofrem. Em outras situações apresentadas pelos vídeos, é a literalidade visual dos hábitos religiosos encantados que são levados à crítica. No Brasil é comum carros com o adesivo “Foi Deus que me deu” e no vídeo de mesmo nome quem presenteia questiona o presenteado que deseja vender o carro. Em outro vídeo (*Atendendo a Pedidos*), Deus diz que não pode fazer ninguém emagrecer, que não tem ingerência sobre o metabolismo alheio, entre outros. Este tom mezinheiro, intimista, do fato tradicionalmente pomposo, é um elemento fundamental do humor. É esta aproximação com o tema que permite o riso, seja porque é um elemento fundamental do humor, como defende Pirandello, seja porque é a expectativa de pompa que cumula a energia psíquica descarregada no riso, como afirmam as teorias descendentes, em que “se passa de algo solene, respeitável, bruscamente, para uma afirmativa trivial ou obscena, gerando uma frustração da energia nervosa acumulada para a sequência solene do falado e que, sem possibilidade de ‘adequada’ utilização é “descarregada” na forma do riso” (LACERDA, 2010).

O segundo tema usualmente tratado, o poder das instituições religiosas, pode ser visto em inúmeros vídeos. Em *Ciclo da Vida* um pastor é assaltado, mas o policial rende o bandido, o deputado rende o policial e o pastor rende o político, ficando com o dinheiro. Em *Vaticano*, o papa Francisco é demitido pelos cardeais por não seguir a linha da Igreja, é chamado de Jean Wyllis,

gayzista e feminazista e é recomendado a ser vereador do PSOL ou fazer biologia na Federal. Em dois vídeos, o polêmico pastor Silas Malafaia, conhecido pelo exercício do poder religioso na esfera da política partidária, é citado. Em *Deus*, por exemplo, após saber que irá para o inferno, pois o deus verdadeiro é o da tribo polinésia, a personagem central expressa um último pedido, contar para o Malafaia quando este morrer.

O Brasil vive um processo de vertiginoso crescimento das bancadas religiosas no Poder Legislativo e de conquista também de espaços no Poder Executivo por candidatos marcadamente de lastro religioso, usualmente associados à direita política (BURITY, 2006). O canal Porta dos Fundos promove uma crítica política associada a ideias de esquerda, com fortes críticas ao racismo (*Negro, Amiguinho*, entre outros), ao machismo (*Piranho, Cantada*, e outros), à homofobia (*Viado, Cura*, entre outros), à ascensão da direita (*O mundo tá chato, Ensino*, entre outros), preconceito de classe (*Pobre, Pena*, entre outros). Neste sentido é possível pensar que a crítica às autoridades religiosas é uma faceta de uma crítica social mais ampla, justificando a citação de sujeitos como Malafaia e o vídeo *Deputado*, por exemplo, em que se faz referência velada a Marcos Feliciano, pastor e deputado evangélico associado a pautas como a defesa da “cura gay” (satirizada no vídeo *Cura*). Apesar de explorar ao máximo as oportunidades de crítica à religião, o discurso do canal também pode ser pensado como posicionado no interior do fenômeno religioso, uma vez que foi no Brasil a maior expressividade da *Teologia da Libertação*, movimento de caráter laicizante, profundamente

racionalista e que encontrava na fé cristã elemento exigente para a luta pela libertação política, recusando a conversão de outrem para a crença cristã, senão para o projeto entendido como cristão, o da vida em abundância (inclusive ou especialmente abundância material para todos). Poderia tranquilamente ser um Cristo nos moldes da *Teologia da Libertação* aquele que em *Jesus te ama* afirma não amar um rapaz que vai à missa todos os domingos, pois retuíta Bolsonaro⁸ e que ama um ateu “figuraça”.

Retornando ao vídeo 10 mandamentos, o diálogo segue explorando o tema da associação entre as regras estabelecidas como exigência de fé e o poder da instituição religiosa, isto é, aquelas regras a que falta escoro em um substrato ético e não no arbítrio da instituição sobre os fiéis:

A2: Fala Moisés, que mais, que que cê tem aí?

MOISÉS: Posso começar?

A2: Fala aí, que que tem escrito aí?

MOISÉS: Um, não roubarás!

A2: Não, desculpa, péra aí, cê não foi roubado semana passada?

MOISÉS: Que que tem

A2: Roubaram umas cabras tuas?

MOISÉS: Que que tem?

A2: E agora não pode mais roubar?

MOISÉS: Não

A3: Porque não? Porque não pode mais roubar?

MOISÉS: Porque Deus falou que não pode

⁸ Jair Bolsonaro, deputado federal pelo Partido Social Cristão, ícone da extrema direita brasileira;

A2: Ah, Deus falou [ironicamente]

MOISÉS: Deus falou que podia, agora não pode mais [...]

MOISÉS: Dois, frequentará a igreja nos sábados e dias santos

A3: Oh Moisés, a Igreja que é sua né?

MOISÉS: Isso. Não, é de Deus

A3: É de Deus, é de Deus, mas o Moisés, tem uma só, cara. E aí, você é que administra o esquema lá da igreja.

A2: Exatamente

MOISÉS: É... eu que cuido, mas não tem nada a ver.

A2: Que mais que tem escrito aí nessas pedras, agora fiquei curioso, agora fiquei interessado.

MOISÉS: Três, não matarás!

A1: Pera aí, tem um primo dele que foi assassinado essa semana

A2: Exatamente!

MOISÉS: Não era meu primo. Que era um cunhado da minha mulher que mal que eu conheço.

O roteiro segue esta linha de modo muito preciso. Questionando um a um dos mandamentos bíblicos, em um jogo sinuoso entre os interesses de Moisés e a realidade contemporânea. Moisés, claramente, representa as instituições religiosas, aquelas que propugnam a obediência a certas regras. O que deve ser seguido depende da interpretação teológica de cada denominação (embora uma parte, a pentecostal, não aceite que sua versão bíblica seja tomada como interpretação, senão como seguimento à risca). Em certo momento, o Arguidor 3, questiona Moisés e reclama das perspectivas, em suas palavras “daqui a pouco vai ter mandamento aí pedindo pra gente cozinhar pra você, lavar teu carro”.

A crítica anti-institucional é uma constante na história do judaico cristianismo. A autocritica, em que as instituições religiosas tentam se afastar de pressupostos presentes meramente por seu benefício próprio, passa a frequentar a teologia católica e protestante no século XX, levada à cabo de modo mais profundo talvez na Igreja Católica, não somente, mas privilegiadamente na *Teologia da Libertação*. Talvez esta autocritica tenha seu ponto culminante na obra *Igreja: Carisma e Poder*, de Leonardo Boff. Neste trabalho, o teólogo brasileiro questiona a dinâmica entre os carismas (dons gratuitos) e os instrumentos de poder no interior da Igreja Católica, atacando fortemente os processos de distinção dos católicos com evangélicos e o poder exercido por sacerdotes em detrimento do espírito colegiado. Esta obra foi processada e condenada e seu autor censurado pelas instâncias coercitivas da Igreja Católica, cumprindo um ano de *silêncio obsequioso*, em reação à profunda crítica perpetrada (LACERDA, 2009).

Imergindo nos aspectos do humor, Pirandello (1996), um dos mais relevantes estudiosos do tema, defende que não há uma formula exata do que o seja, mas defendeu premissas relevantes para nossa compreensão. Para o autor: 1) as obras de humor despertam uma associação por contrários por vários processos de digressão, decomposição e interrupções; 2) a criticidade da obra de humor, o humorista é um crítico *sui generis*, fantástico, no sentido estético da palavra; 3) a última característica é a necessidade de intimidade de estilo, nesse sentido é que o humor se contrapõe à retórica, cuja principal característica é a pomposidade na forma. A peça em debate é um exemplo claro de todos os elementos que compõem o sentido teórico de humor em Pirandello. A associação de contrários está fortemente

presente em ao menos dois sentidos, por um lado, em seu escopo formal, o esquete permite o contraste entre o presente e o passado, esta presença se faz latente na inverossimilhança estética, que comunica a mensagem de simulação consensualmente combinada e também do léxico utilizado, marcadamente atual e coloquial e, para não haver dúvidas, as referências contemporâneas, o carro de Moisés e uma comparação entre Amyr Klink e Noé são exemplos.

O caráter crítico dos vídeos do canal é óbvio, mas como enunciado, não se trata de uma crítica formal, discursiva e direta, mas uma crítica esteticamente fantástica, em que muitos elementos são mobilizados para produzir graça. Note-se a forte presença do terceiro elemento, a intimidade e coloquialidade da fala e a exploração ao máximo dos elementos contraditórios do discurso, como podemos ver neste excerto:

A2: Olha, deixa eu entender uma coisa assim, então tá, não pode matar, mas não pode matar o que, bicho, não pode matar gente, não pode matar..

MOISÉS: Gente, Zaqueu

A2: Mas tá escrito aí, não pode matarás [sic] gente?

A1: Vê se não tem um asterístico [sic], um negócio que de repente está escrito, bicho tá liberado

A2: É

MOISÉS: Ô Zaqueu, o que ele falou foi ‘Não matarás!’, agora o que que é? Vamo pensar aqui, que cabe a gente também o dom da interpretação

A2: Pode, que bom, que eu comi agora cedo

A3: Deixa eu perguntar, que eu tô com a mão [levantada] aqui há meia hora.

MOISÉS: Sim senhor

A3: Assim, eu não sabia de nada disso de pedra, de monte, sabia nem que Deus aparecia assim. E, assim, a coisa de uma hora atrás eu matei uma pessoa, mas eu queria saber se eu vou ser punido por isso, se eu já me enquadro nesse novo esquema.

A2: Não pode

A3: Eu acho que seria uma sacanagem.

A exploração da contradição neste trecho tem um caráter menos político e brinca muito mais com as dificuldades de aplicação de uma lei penal, remetendo à distância entre o mundo “real” e o discurso religioso mais do que com os elementos acima mencionados, compondo algo que pode ser reconhecido como o mais distante que o canal alcança da esfera política.

Considerações finais

Em um Brasil em que a relação entre humor e religião atingiu as esferas midiáticas, com inúmeros vídeos, textos, notícias, questionando o Porta dos Fundos, e judiciária, através de ações apresentadas por importantes sujeitos do cenário religioso e político, quais sejam os pastores Silas Malafaia e Marcos Feliciano, este também deputado, é importante que a discussão nacional açambarque ao menos dois pontos acerca deste tema: “O ordenamento jurídico permite críticas tão contundentes às religiões?”, desencadeando, em caso negativo, impactos jurídicos e “A crítica realizada pelo Porta dos Fundos é antirreligiosa?”, resposta com impactos políticos, culturais e, eventualmente, também jurídicos. Nos alheamos à primeira questão por estar fora do escopo desta nossa reflexão, embora nos filiemos no pensamento de radicalização democrática. Quanto à segunda questão, foi nosso ponto de partida e de chegada.

Em nossa análise, defendemos que o tema da religião mantém uma regularidade persistente no canal, mas não pode ser considerado um tema prioritário. E mesmo esta persistência se dá, de maneira mais acentuada, devido ao acento de um roteirista específico, Fábio Porchat, em relação à temática.

Por outro lado, em seu conteúdo, os vídeos não atacam a fé ou a religiosidade, mas mantém sua linha discursiva em dois eixos, uma crítica ao encantamento do mundo e ao poder nas instituições em sua relação direta com os fiéis ou na esfera da política partidária. Estes elementos críticos, contudo, não podem ser imediatamente associados ao ateísmo ou agnosticismo, mas trata-se de uma crítica presente mesmo dentro do arcabouço teológico, marcadamente na *Teologia da Libertação*.

Referências

- ARKIN, H.; COLTON, R. *Tables for Statisticians*. 2.ed. Brasília: Ed. SEBRAE, 1995.
- BURITY, J. A; MACHADO, M. D. C. *Os Votos de Deus: evangélicos, política e eleições no Brasil*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massa gana, 2006
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. “O Brasil religioso que emerge do Censo de 2010: consolidações, tendências e perplexidades” ” In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. *Religiões em movimento: o censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 63-88
- JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2006.
- LACERDA, L. *Modelos divergentes de ensino religioso? Análise das experiências do RJ e SC*. 2015. 208 f. Tese (Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade). Pontifícia Universidade Católica. São Paulo
- LACERDA, L. *Uma análise da polêmica em torno do livro "Igreja: carisma e poder", de Leonardo Boff, na Arquidiocese do Rio de*

Janeiro. 2009. 119 f. Dissertação (Mestrado em História Social), Pontifícia Universidade Católica. São Paulo

LACERDA, Lucelmo. Tá rindo de quê? Reflexões em torno do humor como recurso educativo; *Revista da Faculdade São Sebastião*; Ano 2; Vol. 3; Jan/Jul 2010; p. 51-83

MARIZ, Cecília. GRACINO JR, Paulo. “As igrejas pentecostais no censo de 2010” In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. *Religiões em movimento: o censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 161-174

NEGRÃO, Lísias Nogueira, Nem ‘jardim encantado’, nem ‘clube dos intelectuais desencantados’, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Out. 2005, vol.20, no.59, p.23-36

PIRANDELLO, L. *O Humorismo*. Trad. Davi Macedo. São Paulo: Experimento, 1996.

PORCHAT, F. *Entrevista concedida ao Jô Soares*, data indefinida, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GbZOW4yLsS4>, acessado em 24/10/2016

PORCHAT, F. *Entrevista concedida ao Raul Gil* em 06/09/2014, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MRHJGAYE4n4>, acessado em 24/10/2016

REBLIN, Iuri Andréas. A teologia do cotidiano. In: BOBSIN, Oneide et al. (Orgs.). *Uma religião chamada Brasil: Estudos sobre religião e contexto brasileiro*. São Leopoldo: Faculdades EST; Oikos, 2008. p. 82-96.

SCHULTZ, Adilson. Estrutura teológica do imaginário religioso brasileiro. In: BOBSIN, Oneide et al. (Orgs.). *Uma religião chamada Brasil: Estudos sobre religião e contexto brasileiro*. São Leopoldo: Faculdades EST; Oikos, 2008. p. 27-60.

TREVISAN, Janine. A Frente Parlamentar Evangélica: Força política no Estado laico brasileiro. *Numen: Revista de estudos e pesquisa da religião*. v. 16, n. 1 2013

WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*, vol. I. Brasília: Ed. Univ. Brasília, 1991.

Recebido em 2017-05-11
Publicado em 2017-12-05